

100 mil brasileiras com as próteses

por Mariluce Moura
de São Paulo

A Dow Corning do Brasil, que até então ocupava 50% do mercado nacional de implantes mamários de gel de silicone espera que a polêmica envolvendo a matriz norte-americana da empresa e que culminou com sua decisão, anunciada ontem, de retirar-se definitivamente desse segmento não traga qualquer problema no âmbito da Justiça, ou em outros, para a subsidiária brasileira.

“Vínhamos fornecendo essas próteses para o mercado brasileiro desde 1970 e nunca qualquer ação foi movida contra nós, assim

como jamais fomos informados sobre qualquer problema de rejeição crítica dos implantes. Não vemos por que isso iria mudar e, portanto, estamos tranquilos”, disse o gerente da área médica da Dow Corning do Brasil, Walter Zamudio.

Até suspender a comercialização dos implantes, no dia 7 de janeiro, seguindo orientação da matriz, a Dow Corning do Brasil, nos últimos anos, colocava no mercado entre 4 mil e 4.500 próteses por ano, o mesmo que a Silimed, o outro fabricante no País, vem produzindo.

Os cálculos da empresa indicam que entre 80 mil e

100 mil brasileiras possuem implantes fabricados pela Dow Corning. “É difícil estimar o total de pacientes que já colocou essas próteses, primeiro porque não temos dados da concorrente (a Silimed). E além disso é sempre difícil precisar os números, porque algumas pacientes possuem duas próteses e outras apenas uma”, observa Zamudio.

Nas estimativas considera-se que 80% das mulheres que se submetem a cirurgia para colocação do implante o fizeram por razões estéticas — visando o aumento, ou uma nova forma para os seios — e, portanto, são portadoras de suas próteses, enquanto 20% decidiram utilizá-lo para reconstrução mamária, depois de uma mastectomia determinada por câncer, em geral em um dos seios.

A produção dos implantes para seios da Dow Corning do Brasil representava 20% da linha médica da empresa, que por sua vez corresponde a 10% das vendas no mercado nacional. “Temos uma presença mais ligada à indústria farmacêutica, química e de construção, no Brasil, do que aos produtos médicos”, explica Zamudio.

Assim, segundo observa, mesmo que a polêmica envolvendo a Dow Corning possa provocar alguns prejuízos sobre a imagem da

sua subsidiária brasileira, os negócios não devem ser afetados e nem o encerramento das atividades nos segmentos dos implantes de gel de silicone vai implicar demissões na fábrica em Sumaré, região de Campinas, onde trabalham 100 pessoas.

“Quando nós começamos a comercializar os implantes no Brasil, eles eram importados da matriz. Éramos na época representados pelo laboratório Lepevit, que hoje pertence à Dow Química. Em 1986, iniciamos a montagem dos implantes na fábrica local”, diz Zamudio. Isto significa que o gel era importado e aqui apenas encapsulado.

Assim, tinha-se em Sumaré uma fabricação das embalagens, primeiro em silicone rígido e, a partir de 1987, em fluorsilicone, produto desenvolvido pela Dow Corning para evitar a “transpiração” do gel. E segundo Zamudio, apenas um funcionário era suficiente para fazer o encapsulamento do gel. “Ela será agora deslocada para outro setor e, quanto ao pessoal de marketing, como utilizávamos representantes comissionados, também não vai implicar demissões”, diz.

A Dow Corning do Brasil divulgou ontem a mesma nota oficial apresentada pela empresa nos Estados Unidos.